Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XXI Jornada de Pesquisa

O CASO DE EICHMANN E A NEGAÇÃO DO PENSAR[1]

Jenerton Arlan Schütz[2], Cláudia Fuchs[3].

[1] TRABALHO REALIZADO NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO NAS CIÊNCIAS (MESTRADO) DA UNIJUI
[2] Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências (Mestrado) da Unijuí - Bolsista TAXA - PROSUP/CAPES
[3] Aluna do curso de Pedagogia da FAI Faculdades de Itapiranga/SC;

1 INTRODUÇÃO

Numa sociedade em que informação e tecnologia se tornam cada vez mais importantes, há uma enorme preocupação por parte da escola em buscar acompanhar o que denominamos de progresso científico e tecnológico. Sendo que, conhecimentos da geração denominada "mais velha", se mostram frente aos "mais novos" como conhecimentos obsoletos e que pouco tem a oferecer e contribuir em um mundo que está em constante mudança.

Para Morin (2012, p.16), "por detrás do desafio do global e do complexo, esconde-se um outro desafio: o da expansão descontrolada do saber." Ainda, citando Eliot, "onde está o conhecimento que perdemos na informação?". Nesse sentido, a educação está diante de um impasse, os professores perderam o papel daquele que representa aos mais jovens o mundo do jeito que ele é, e a educação visa um futuro incerto e desconhecido, pois seja qual for o seu trabalho ou ainda contribuição, é insuficiente frente às novas gerações.

Como educar em um mundo, que não possui mais sentido herdado, os alunos não se interessam mais pelo legado histórico, não temos certezas absolutas e somos obrigados a procurar o sentido das coisas por conta própria, e ainda nos deparamos com acontecimentos aos quais não conseguimos atribuir nenhum sentido?

A educação tem se preocupado em competências e transmitir conhecimentos, mas deixou de se preocupar na compreensão do mundo, ou seja, em um modo de pensar que não tem como finalidade resolver os problemas. Estaria assim a educação exercendo apenas um exercício de pensar passivamente, e desconsiderando a complexidade do mundo?

Ademais, sabemos que conhecer e pensar o mundo na sua complexidade, é fundamental para a tarefa da educação, assim, pretende o presente artigo analisar e resgatar a atividade do pensar a partir de Hannah Arendt.

METODOLOGIA

O presente artigo tem por objetivo apresentar reflexões sobre o pensar, o pensamento e a atividade do pensar, a partir das obras de Hannah Arendt. Trata-se de um estudo baseado na pesquisa bibliográfica. Nesse sentido, o trabalho busca relacionar os motivos das atrocidades e barbáries cometidas pelos regimes totalitários e a incapacidade da atividade do pensar, o que tornou os seres supérfluos e incapazes de agir.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XXI Jornada de Pesquisa

2 A IMPORTÂNCIA DO PENSAR

"Qual é o objeto de nosso pensar? A experiência. Nada mais! E se perdermos o solo da experiência, então nos deparamos com todo tipo de teorias". (Hannah Arendt)

A epígrafe anterior mostra um aspecto essencial do conceito de pensamento para a autora, mas, ao mesmo tempo, nos apresenta a forma de pensar e a própria trajetória da autora.

A triste experiência que Hannah Arendt teve com os regimes totalitários, que procuravam suprir a liberdade e as identidades das pessoas, não fez com que ela desistisse de pensar e procurar novos caminhos para um mundo que consiga garantir fundamentalmente a manifestação da liberdade humana.

Um momento que marca a sua vida é a experiência com os regimes totalitários e principalmente a indignação com os intelectuais alemães, entre eles Heidegger, que não se posicionou contra o regime Nazista, e se não fosse o suficiente, ele e vários outros intelectuais ainda produziram teorias extraordinárias sobre a ideologia nacional-socialista. Isso foi assustador para Arendt, pois mostrou o quanto é capaz um pensamento que despreza as experiências reais.

Na entrevista concedida em 1964 , ela apresenta os intelectuais que se "uniformizaram" (sich gleichgeschaltet haben) diante o regime de Hitler, [...] a respeito de Hitler ele tiveram ideias: em parte, coisas extremamente interessantes. Muito fantásticas e interessantes [...] e coisas que ficam muito acima do nível comum. Pra mim, isso era grotesco (ARENDT, 1976 apud ALMEIDA, 2011, p.148).

Na mesma ocasião, Arendt (1993, p.5) se recusa a ser chamada de filósofa, pois,

Minha profissão, se é que se pode chamar assim, é a teoria política [...] Para mim, o importante é compreender. Escrever é uma questão de procurar essa compreensão [...] o importante é o processo de pensar. Se consigo expressar de modo razoável meu processo de pensamento por escrito, isso me deixa satisfeita.

Arendt dedica-se na última fase de sua vida – mais preciso na década de 1970 – a um tema filosófico denominado de: as faculdades do espírito, atividades realizadas no momento em que se está só e que são invisíveis aos olhos do mundo.

Em 1961 Arendt assiste ao julgamento de Adolf Eichmann, nazista que foi um dos principais responsáveis pela "solução final ". Hannah Arendt é enviada pela revista New Yorker para acompanhar esse julgamento e, escreve um relatório que posteriormente é publicado como livro, denominado Eichmann em Jerusalém. E, a partir desse momento, Arendt volta seu olhar ao ser humano no singular, mas sem se esquecer que ele existe sob condição de pluralidade.

"É no momento em que se chega ao indivíduo, e a pergunta a ser feita não é mais: Como esse sistema funciona?, mas: Por que o réu se tornou funcionário dessa organização?" (ARENDT, 2004, p.121).

No decorrer do julgamento, Arendt se indaga como um ser humano pôde ser capaz de cometer tais monstruosidades. Ela se surpreende por Eichmann ser uma pessoa comum. Para a Arendt (2004) não havia maldade naquela pessoa e que apenas tinha cumprido sua função. Mas, o que realmente chamou a atenção de Arendt, foi a incapacidade de Eichmann refletir sobre o acontecido e de pensar sobre o significado de seus atos.

Tudo isso leva Arendt (1993, p. 6-7) a se perguntar:

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XXI Jornada de Pesquisa

Será possível que o problema do bem e do mal [...] esteja conectado com a nossa faculdade de pensar? [...] seria possível que a atividade do pensamento como tal [...] estivesse dentre as condições que levam os homens a se absterem de fazer o mal, ou mesmo que ela realmente os "condicione" contra ele?

A partir da experiência com Eichmann, podemos perceber que, apesar o pensamento se localizar fora do mundo, ele é fundamental para a nossa ação no mundo, assim, o olhar e a preocupação da autora se voltam para as atividades do espírito. E, uma das principais preocupações da autora se refere a essa atividade do pensamento, que é exercida em um distanciamento do mundo, mas ao mesmo tempo precisa assumir a responsabilidade por ele e se relacionar com ele. Assim, como respondemos ao mundo não só "a partir das nossas ações, mas também em nossa reflexão?" (ALMEIDA, 2011, p.151).

Para a autora, é necessário se distanciar temporariamente do mundo e dos outros para permanecer, por um momento na presença de nós mesmos, essa é a atividade do pensar. A retirada do mundo das aparências é essencial para o pensamento (ARENDT, 1993). O pensar parte da experiência concreta, mas necessita distanciar-se da experiência para submetê-la à reflexão, ou segundo Arendt, precisamos "parar para pensar ".

No momento em que estamos sozinhos , é possível exercer um diálogo entre eu e eu mesmo (ARENDT, 1993), esse modo de nos retirarmos do mundo, diz respeito à "condição paradoxal de um ser vivo que [...] tem [...] a habilidade de pensar, que permite ao espírito retirar-se do mundo, sem jamais poder deixá-lo ou transcendê-lo" (ARENDT, 1993, p.36).

Ademais, o pensar é o que nos permite buscar significados e sentidos, para qual em outras esferas de nossa existência não é possível, ou não temos espaço e nem tempo. Nossa capacidade de relacionamento com os demais e a possibilidade de assumirmos a responsabilidade por aquilo que nos é comum, depende da nossa retirada temporária do mundo e do encontro com nós mesmos, ainda que isso não ocorra de forma imediata. Portanto, distanciamo-nos do mundo para buscar a compreensão da nossa experiência nele, lembramos os acontecidos e perguntamos qual é o sentido de tudo isso.

Para Almeida (2011, p.155),

Qual seria a importância dessa faculdade do espírito que não é (apenas) um meio para produzir ou adquirir conhecimentos e habilidades, nem planejar ações e que não produz resultados diretamente úteis para nosso dia a dia e que, apesar disso, é constitutiva para nós enquanto seres humanos?

Para essa pergunta, Arendt nos apresenta uma resposta clara: a importância do pensar não reside nos resultados que produz, mas na própria atividade do pensar.

Pois a necessidade de pensar jamais pode ser satisfeita por insights supostamente preciosos de 'homens sábios'. Essa necessidade só pode ser satisfeita pelo próprio pensamento, e os pensamentos que ontem tive irão satisfazer essa necessidade, hoje, apenas porque quero e porque sou capaz de pensá-los novamente (ARENDT, 1993, p.69).

Ainda para a autora, o pensamento seria como o mito de Penélope, na qual, "O pensamento é como a teia [...], desfaz-se toda manhã o que se terminou de fazer na noite anterior" (ARENDT, 1993, p.69). É o pensar que para Arendt importa mais do que os pensamentos, a atividade é mais importante que os resultados. Sabemos que a atividade do pensar é invisível e seus resultados visíveis, embora mostrem algo do pensar, não são iguais à atividade que antecede esse resultado.

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XXI Jornada de Pesquisa

Buscar compreender essa experiência do pensar que está escondida por trás de seus resultados é um dos caminhos que Arendt busca escolher para abordar essa atividade que é invisível. O problema, porém reside no fato de "que poucos pensadores nos disseram o que os fez pensar, e um número ainda menor se deu ao trabalho de descrever e examinar a sua experiência de pensar" (ARENDT, 2004, p.236).

Assim, Arendt busca de alguma maneira, investigar o que fez essas pessoas pensarem? Qual era a relação do pensar com o mundo? Entre os pensadores, estão aqueles que conviveram com a autora, como seus professores Heidegger e Jaspers, mas também Platão, Kant e principalmente Sócrates. Temos por um lado, experiências da atividade do pensar de forma mais dialógica e com ligação ao mundo (Sócrates e Jaspers), pelo outro, experiências do pensar na singularidade, como Heidegger e Platão.

A ideia de pensar dialogicamente parece algo importante, porém Arendt afirma também que só se pensa estando só. Em Platão e Heidegger, encontramos a aproximação para com a atividade espiritual, mas ambos estão dispostos a não expor seu pensamento "à pluralidade de opiniões e experiências" (ALMEIDA, 2011, p.160).

Contudo, Arendt (2003) não se inspira apenas nesses filósofos para investigar a atividade do pensar, em seu livro Homens em tempos sombrios, ela apresenta sujeitos que considera exemplo do que seria pensar e agir, escritores, narradores e poetas como, Wystan H. Auden, Bertold Brecht, Tania Blixen e Lessing, e Walter Benjamin.

Todas as pessoas, em princípio tem a capacidade de pensar, essa reflexão não depende de conhecimentos, aptidões, inteligência ou alguma instrução, ocorrendo em todas as ciências ou no ensino. O pensar assim ocorre na vida diária de qualquer um.

O pensamento [...] pode surgir a partir de qualquer ocorrência; está presente quando eu, depois de observar um incidente na rua ou me ver implicada em alguma ocorrência, começo [...] a considerar o que aconteceu, contando o fato a mim mesmo como uma espécie de história, preparando-o [...] para sua subsequente comunicação aos outros, e assim por diante (ARENDT, 2004, p.158).

Ainda para Arendt (1993, p.13), voltando-se para as ciências, "seja como for, o assunto não pode mais ser deixado aos 'especialistas', como se o pensamento, à maneira da alta matemática, fosse monopólio de uma disciplina especializada".

Nesse sentido, Arendt (2004) se pergunta para onde nos voltamos quando buscamos as experiências do pensar? Ou ainda, o "todo mundo", de quem exigimos a atividade do pensar, não escreve livros e tem coisas mais urgentes para fazer.

Seu olhar recai sobre Sócrates , no momento em que lhe faltam testemunhos, e ele diferente de outros pensadores, seria um modelo de pensador, pois não desejava transmitir respostas, mas procurava "compreender o mundo e queria fazer pensar" (ALMEIDA, 2011, p.162).

Ainda sobre Sócrates, Arendt (2004, p.236) mostra que o fato dele,

[...] nunca tenha experimentado formular uma doutrina que pudesse ser ensinada ou aprendida. [...] proponho usar como nosso modelo um homem que realmente tenha pensado sem se tornar um filósofo, um cidadão entre os cidadãos, alguém que não tenha feito ou reivindicado nada além daquilo que, na sua opinião, todo cidadão devesse fazer e tivesse direito a reivindicar. Vocês terão adivinhado que pretendo falar de Sócrates.

CONCLUSÃO

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XXI Jornada de Pesquisa

Assim, há um princípio ao qual Arendt não abre mão: o ato de refletir sobre as experiências. O pensar é "vivo quando delas se alimenta, e morto quando começa a girar apenas em torno de si mesmo" (ALMEIDA, 2011, p.164). Portanto, o que os mais diversos "modelos" de pensamentos tiveram em comum é justamente a procura de compreender o significado de nossas experiências.

Uma atividade que não tem um fim e que nos instiga a prosseguir a procurar respostas para as questões que só podemos receber respostas provisórias. Mas, essa busca está ligada a nossa capacidade de assumirmos a responsabilidade pelo mundo, pois, somente quando o mundo onde nós estamos e tudo o que acontece nele faz algum sentido para nós, ele deixa de ser um lugar inóspito e passa a ser a nossa casa, que precisa de nós para ser organizada, transformada, reformada e conservada.

Palavras chave: Totalitarismo. Hannah Arendt. Condição Humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Vanessa Sievers de. Educação em Hannah Arendt: entre o mundo deserto e o amor ao mundo. São Paulo: Cortez, 2011.
ARENDT, H. Responsabilidade e julgamento. Tradução de Rosaura Eichenberg. Edição de Jerome Kohn. Revisão técnica de Bethânia Assy e André Duarte. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
_____. A vida do espírito. Tradução de Antonio Abranches e Helena Martins. 2.ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará/Ed. UFRJ, 1993.
_____. Homens em tempos sombrios. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
_____. Entre o passado e o futuro. Tradução de Mauro W. Barbosa. 7.ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.
_____. Was bleibt? Es bleibt dia Muttersprache. In: REIF, Adalbert (Hg.). Gespräche mit Hannah Arendt. München: Piper, 1976.
_____. A condição humana. Tradução de Roberto Raposo. Posfácio de Celso Lafer. 10.ed, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
MORIN, E. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução Eloá Jacobina. 20.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.